



A DESINFORMAÇÃO E AS FAKE NEWS SOBRE DENGUE: CONSEQUÊNCIAS PARA A SAÚDE PÚBLICA

Misinformation And Fake News About Dengue: Consequences For Public Health

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo investigar como as fakes news e a desinformação afetam o combate à dengue, discutindo suas implicações e propondo estratégias para fortalecer a resposta coletiva frente a esse desafio. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, com levantamento de dados realizado nas bases SciELO, PubMed, LILACS e Google Acadêmico, a partir de publicações entre 2018 e 2025. Os resultados apontaram que a disseminação de informações falsas sobre a dengue compromete significativamente a adesão da população às medidas preventivas e ao tratamento adequado. Boatos sobre curas milagrosas, desconfiança nas campanhas de vacinação e conteúdos sensacionalistas nas redes sociais têm contribuído para o enfraquecimento da confiança na ciência e nos profissionais de saúde. Observou-se que grupos em situação de maior vulnerabilidade social são os mais impactados. Conclui-se que o combate à desinformação deve ser parte integrante das políticas públicas, com foco em ações intersetoriais, estratégias de comunicação eficazes e promoção da educação em saúde como ferramenta essencial para mitigar os efeitos negativos das fake news.

Nertan Ribeiro Batista

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Campina Grande

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1497-8694>

Nataly Gisele Alves Leite

Graduanda em Enfermagem pela FAPAN

Lucas Lorrán da Silva

Graduando em Enfermagem pela FAPAN

Lucian Elan Teixeira de Barros

Graduando em Medicina pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4646-4068>

Guilherme Teodoro Martins

Graduado em enfermagem pelo Centro Universitário UniFACTHUS

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9030-4742>

Priscila Souza Neves

Graduada em Medicina pelo Hospital Bom Samaritano

Andresa Barros Santos

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Maranhão

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-8916-1681>

Elizandra Aparecida de Oliveira Lopes

Mestre em Saúde e Envelhecimento pela Faculdade de Medicina de Marília- FAMEMA

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2798-1358>

Washington Henrique Costa Gonçalves

Mestre em Direito Ambiental e Sustentabilidade pela Escola Superior Dom Helder Câmara

Marcio Harrison dos Santos Ferreira

Doutorando em Agroecologia e Desenvolvimento Territorial (PPGADT/UNIVASF)

Docente do IFPI, Campus Paulistana

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2563-9260>

PALAVRAS-CHAVES: Aedes aegypti; Dengue; Desinformação; Fake news; Informação em saúde; Saúde pública.

**ABSTRACT**

***Autor correspondente:**

Nertan Ribeiro Batista
nertan123@gmail.com

Recebido em: [29-03-2025]
Publicado em: [07-04-2025]

This study aimed to investigate how fake news and misinformation affect the fight against dengue fever, discussing their implications and proposing strategies to strengthen the collective response to this challenge. This is a narrative review of the literature, with data collected in the SciELO, PubMed, LILACS and Google Scholar databases, based on publications between 2018 and 2025. The results showed that the dissemination of false information about dengue fever significantly compromises the population's adherence to preventive measures and appropriate treatment. Rumors about miracle cures, distrust in vaccination campaigns and sensationalist content on social media have contributed to the weakening of trust in science and health professionals. It was observed that groups in situations of greater social vulnerability are the most impacted. It is concluded that combating disinformation must be an integral part of public policies, with a focus on intersectoral actions, effective communication strategies and the promotion of health education as an essential tool to mitigate the negative effects of fake news.

KEYWORDS: Aedes aegypti; Dengue; Misinformation; Fake news; Health information; Public health.

INTRODUÇÃO



A dengue, infecção viral transmitida principalmente pelo *Aedes aegypti*, é um dos maiores desafios de saúde pública nas regiões tropicais e subtropicais do mundo. No Brasil, a alta incidência da doença e os surtos recorrentes exigem estratégias eficazes de prevenção e controle. Segundo o Ministério da Saúde (2025), o país registrou mais de 1,6 milhão de casos prováveis de dengue nos dois primeiros meses do ano, com quase 1.356 óbitos confirmados, representando um aumento alarmante em relação aos anos anteriores.

A Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2024) destaca que as Américas vivem o maior surto da história, com mais de 3,5 milhões de casos notificados no continente apenas no primeiro trimestre. Já a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023) classifica a dengue como uma das dez maiores ameaças globais à saúde, com estimativas de 390 milhões de infecções por ano, sendo cerca de 96 milhões sintomáticas.

Entretanto, um dos maiores entraves ao controle da doença é a proliferação de informações falsas. Em meio à era digital, a disseminação de *fake news* conteúdos enganosos e sem base científica compromete a eficácia das ações de enfrentamento, criando confusão, medo e práticas inadequadas entre a população. O acesso facilitado à informação, sem filtros adequados de veracidade, agrava esse cenário, especialmente quando o tema envolve saúde pública (Cunha, 2020).

Entre as *fake news* mais comuns relacionadas à dengue, circulam rumores sobre curas milagrosas, uso de medicamentos não recomendados, receitas caseiras sem comprovação científica e desinformações sobre campanhas de vacinação. Essas narrativas, geralmente sensacionalistas, minam a credibilidade das instituições científicas e dos profissionais da saúde, dificultando a adesão às medidas recomendadas e enfraquecendo o combate à doença (Milani; Busato, 2021).

A resistência às ações de saúde pública, como mutirões, campanhas educativas e orientações para eliminação dos criadouros do mosquito, está diretamente relacionada à desinformação. Em comunidades mais vulneráveis, onde há maior carência educacional e acesso restrito a fontes confiáveis, observa-se uma adesão reduzida às práticas preventivas. A perda de confiança nas autoridades sanitárias representa um dos principais obstáculos à eficácia das políticas públicas (Milani; Busato, 2021).



Além disso, muitas pessoas, influenciadas por boatos, acabam retardando a busca por atendimento médico e recorrendo a métodos caseiros ineficazes ou prejudiciais. Essa atitude não apenas agrava o quadro clínico dos pacientes como também sobrecarrega os serviços de saúde, principalmente durante os surtos epidêmicos, com um aumento na demanda por internações e atendimentos emergenciais (Salatino *et al.*, 2020).

A propagação de fake news também atinge escolas e comunidades, onde informações distorcidas são amplamente aceitas por falta de pensamento crítico. Nesse contexto, o combate à desinformação deve envolver não apenas profissionais da saúde, mas também os setores da educação, comunicação e cultura, promovendo uma abordagem intersetorial (Cunha, 2023).

Embora as redes sociais tenham potencial para ampliar o alcance das informações oficiais, elas são frequentemente dominadas por conteúdos falsos, cuja velocidade de disseminação supera a das respostas institucionais. Isso dificulta o controle da narrativa e intensifica o caos informacional em momentos críticos (Vergna; Silva; Amorim, 2022).

A atuação de influenciadores digitais que propagam conteúdos equivocados agrava ainda mais o problema, pois atribui aparente legitimidade a informações sem respaldo científico. Essa valorização de fontes não confiáveis, em detrimento de dados técnicos validados, compromete seriamente a confiança na ciência e reforça o negacionismo sanitário (Concon, 2022).

O jornalismo profissional, embora essencial no combate à desinformação, tem enfrentado uma crise de credibilidade. Com a crescente valorização de canais alternativos e a perda de confiança na mídia tradicional, torna-se indispensável uma aliança ética entre imprensa e ciência, visando combater boatos e promover informação segura à população (Cordeiro, 2022).

A desinformação não afeta todas as camadas sociais de forma homogênea. Grupos em situação de vulnerabilidade social, com acesso limitado à educação e às mídias confiáveis, são mais expostos aos impactos negativos das fake news. Assim, qualquer estratégia de enfrentamento deve considerar o contexto sociocultural dessas populações, adaptando a linguagem e os canais de comunicação às suas realidades (Menezes; Starling; Dorinho, 2024).

As políticas públicas precisam incorporar ações específicas para lidar com a desinformação, com campanhas educativas contínuas, linguagem acessível, presença ativa nas mídias digitais e fortalecimento da comunicação institucional. A rapidez na divulgação de dados



oficiais e o engajamento comunitário são cruciais para conter a propagação de informações falsas (Silva; Américo, 2024).

Sacramento e Paiva (2020) apontam que a desinformação contribui diretamente para o aumento da morbidade e da mortalidade por doenças evitáveis, como a dengue, além de provocar um aumento significativo nos gastos com saúde pública. Os impactos sociais, econômicos e psicológicos desse fenômeno justificam a urgência de estratégias integradas e multidisciplinares.

Embora algumas plataformas digitais já tenham adotado medidas como checagem de fatos e limitação de compartilhamentos, essas ações ainda são insuficientes diante da dimensão do problema. É fundamental que o setor privado assuma maior responsabilidade sobre o conteúdo disseminado, colaborando com instituições públicas e acadêmicas no combate à desinformação (Alves; Maciel, 2020).

Portanto, a sociedade civil tem papel decisivo no enfrentamento das fake news. O incentivo à educação em saúde, ao pensamento crítico e à valorização da ciência deve ser promovido por organizações não governamentais, movimentos sociais e líderes comunitários, que atuam como multiplicadores da informação correta e aliados estratégicos no combate à dengue (Gagnon-Dufresne *et al.*, 2023).

Diante de todo esse panorama, torna-se essencial integrar o enfrentamento da desinformação às estratégias de saúde pública. A conexão entre ciência, comunicação e educação desponta como caminho promissor para fortalecer o combate à dengue e minimizar os impactos das *fake news* sobre a saúde coletiva. Ademais o objetivo desse estudo é investigar como as fake news e a desinformação afetam o combate à dengue, discutindo suas implicações e propondo estratégias para fortalecer a resposta coletiva frente a esse desafio.

METODOLOGIA

Esta pesquisa trata-se de uma revisão narrativa da literatura, que foi escolhida por permitir uma exploração ampla e reflexiva do tema, favorecendo a contextualização histórica, social e científica da problemática em questão.

A seleção dos artigos foi realizada por meio de uma busca sistemática nas bases de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), PubMed, LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e Google Acadêmico, a fim de garantir uma



cobertura abrangente da produção científica relevante. Os descritores utilizados na busca foram: “dengue”, “fake news”, “desinformação”, “informação em saúde”, “saúde pública”, “Aedes aegypti”, e seus correspondentes em inglês.

Foram incluídos na análise estudos publicados entre 2018 e 2025, em português, inglês e espanhol, que abordassem direta ou indiretamente os impactos da desinformação e das fake news na prevenção, controle ou percepção pública da dengue. A escolha do período de 7 anos justifica-se pelo aumento expressivo do uso das redes sociais e da circulação de informações digitais nesse intervalo, o que influencia diretamente no tema em estudo.

Foram considerados critérios de inclusão: artigos originais, revisões, documentos técnicos de instituições reconhecidas (como Ministério da Saúde, OMS e OPAS) e dissertações ou teses que abordassem aspectos ligados à comunicação, percepção social e enfrentamento da dengue no contexto da desinformação. Foram excluídos materiais que não estivessem disponíveis na íntegra, que abordassem exclusivamente aspectos clínicos ou laboratoriais da dengue sem relação com o tema da desinformação, ou que não apresentassem rigor metodológico ou relevância para o objetivo da revisão.

A leitura dos materiais foi realizada em duas etapas: inicialmente, por meio da leitura dos títulos e resumos, selecionando os estudos potencialmente relevantes; e, em seguida, por meio da leitura integral dos textos completos. Os dados foram organizados em uma planilha contendo informações como: autor, ano de publicação, objetivo do estudo, principais achados e contribuições para a discussão sobre fake news e dengue.

A análise dos dados ocorreu de forma qualitativa e descritiva, buscando identificar as principais categorias temáticas emergentes nos estudos, como: estratégias de combate à desinformação, impacto das redes sociais na saúde pública, percepção comunitária sobre a dengue, e desafios enfrentados pelos profissionais de saúde no enfrentamento das fake news. Essa análise visou compreender os padrões recorrentes, divergências e lacunas existentes na literatura.

Por se tratar de uma revisão narrativa baseada em fontes secundárias já publicadas, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa, conforme as diretrizes do Conselho Nacional de Saúde (Resolução CNS nº 510/2016). No entanto, todos os princípios éticos foram respeitados, com a devida citação dos autores e das fontes utilizadas.

Vale ressaltar que, embora a revisão narrativa permita uma discussão ampla e aprofundada, ela não possui o mesmo rigor metodológico e controle de viés de uma revisão



sistemática. Assim, reconhece-se como limitação deste estudo a possibilidade de viés de seleção e subjetividade na análise dos dados. Ainda assim, os critérios adotados garantem a relevância e a consistência da abordagem escolhida para o tema proposto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As pesquisas examinadas revelam que a disseminação de informações falsas relacionadas à dengue tem aumentado com o crescimento das redes sociais e dos aplicativos de mensagens instantâneas. Entre os conteúdos mais comuns, destacam-se rumores sobre a origem da doença, promessas de curas milagrosas, ceticismo em relação às vacinas e até teorias conspiratórias sobre campanhas de controle do mosquito. Essa difusão de fake news prejudica a eficácia das iniciativas públicas voltadas à prevenção e ao tratamento da doença, além de provocar medo, desinformação e resistência entre a população (Loureiro; Almeida; Souza 2021).

Vários autores apontam que as notícias falsas sobre a dengue se espalham com maior intensidade durante os períodos de alta incidência da doença. Nesses momentos, a população fica mais vulnerável ao medo e, por isso, tende a aceitar informações não verificadas. Informações incorretas a respeito de sintomas, remédios caseiros e até alegações sobre venenos presentes nos inseticidas utilizados pelas autoridades geram uma confusão generalizada. Isso prejudica a adesão da população às recomendações dos órgãos de saúde (Loureiro; Almeida; Souza 2021).

Constatou-se que a desinformação não impacta todos os públicos de forma igual. Aqueles com menor escolaridade, acesso restrito a fontes confiáveis e maior fragilidade social são os que mais sofrem. A falta de políticas públicas que assegurem uma educação em saúde acessível favorece a manutenção de mitos e crenças errôneas. As consequências desse contexto se refletem na baixa participação nas campanhas de controle do *Aedes aegypti* em várias partes do país (Menezes; Starling; Dorinho 2024).

Couto; Jardim e Machado (2019) indicam que a desinformação prejudica o diagnóstico precoce da dengue. Muitas pessoas, ao confiarem em informações incorretas, não buscam atendimento médico a tempo, o que pode agravar os casos e elevar o número de internações. Somado a isso, há a propagação de receitas caseiras que prometem curas rápidas, mas que, na



realidade, retardam o início do tratamento adequado. Além disso, a falta de conhecimento sobre os sinais de alarme da doença é outro fator que contribui para o aumento da morbimortalidade.

O vínculo entre o aumento da desinformação e a desvalorização da ciência foi frequentemente abordado nas publicações. Os autores apontam que a pandemia de COVID-19 intensificou essa situação, proporcionando um contexto propício para a disseminação de discursos negacionistas, que acabaram se alastrando para outras enfermidades, como a dengue. A diminuição da confiança na ciência e nas instituições de saúde facilita a circulação de informações duvidosas, disseminadas como se fossem verdades absolutas, o que compromete os esforços coletivos para combater a doença (Moreira *et al.*,2024).

A presença de influenciadores digitais na disseminação de fake news relacionadas à saúde é um aspecto preocupante. Pesquisas indicam que personalidades públicas com ampla audiência têm desempenhado um papel crucial na difusão de informações errôneas, geralmente sem a intenção de causar dano, mas com consequências graves para a saúde da população. O impacto persuasivo desses influenciadores é maior que o de fontes oficiais, especialmente entre jovens e adultos que consomem predominantemente conteúdos na internet (Waisbord,2020).

Por outro lado, diversas iniciativas têm se mostrado eficazes na luta contra a desinformação. Campanhas educativas que utilizam múltiplos canais, combinadas com a atuação estratégica de profissionais de saúde e organizações de confiança nas redes sociais, obtiveram resultados positivos em várias regiões. A utilização de uma linguagem clara, o incentivo ao diálogo e a aplicação de recursos visuais foram fatores que ajudaram a fortalecer o envolvimento da comunidade e a corrigir informações incorretas. Essas ações destacam a relevância de uma comunicação mais próxima e colaborativa com a população (Alves *et al.*,2022).

Um aspecto frequente nas discussões é a dificuldade em preservar a confiabilidade das fontes oficiais diante da enxurrada de informações falsas. Diversas instituições públicas encontram dificuldades para acompanhar a velocidade com que as fake news se espalham, resultando em um vácuo informativo que é rapidamente ocupado por rumores. Além disso, a falta de respostas ágeis e o uso de uma linguagem excessivamente técnica dificultam a compreensão e diminuem a confiança da população nas comunicações institucionais (Moreira *et al.*,2024).

A literatura ressalta igualmente o papel fundamental da educação em saúde como uma abordagem de longo prazo no enfrentamento da desinformação. Iniciativas educacionais nas



escolas, debates comunitários e programas de educação permanente em saúde têm o potencial de capacitar os indivíduos a identificar fontes confiáveis e aprimorar o pensamento crítico. Essas ações, quando implementadas de maneira constante, favorecem o empoderamento da população e a formação de agentes que disseminam informações corretas (Santi; Araújo 2022).

Observou-se que as notícias falsas afetam diretamente a efetividade das políticas públicas destinadas ao combate da dengue. Quando a população perde a confiança nas orientações oficiais, o controle do mosquito é prejudicado. A resistência em permitir a entrada de profissionais de saúde, por exemplo, foi mencionada em vários estudos como uma consequência imediata de boatos disseminados online. Esse comportamento não afeta apenas o indivíduo, mas toda a sociedade (Vergna; Silva; Amorim 2022).

Diversos especialistas propõem a implementação de observatórios de desinformação com o intuito de acompanhar, de maneira imediata, as informações relacionadas à saúde que circulam nas redes sociais. Essas iniciativas poderiam contribuir para a elaboração de respostas ágeis, a realização de campanhas para corrigir informações falsas e a identificação de conteúdos enganosos. Ademais, eles pleiteiam um reforço nas leis voltadas ao combate à disseminação de notícias falsas, principalmente nas que dizem respeito a assuntos de interesse coletivo e à saúde pública (Val; Viana; Gouveia 2021).

As plataformas digitais são mencionadas como coautoras do problema, pois seus algoritmos tendem a promover a viralização de conteúdos que possuem forte apelo emocional. A ausência de filtros eficientes e a relutância das companhias em responsabilizar usuários que compartilham desinformação intensificam a situação. Embora haja iniciativas isoladas, como a rotulação de conteúdos questionáveis, as pesquisas indicam que essas ações são inadequadas diante da complexidade do problema (Pinto; Magalhães).

A responsabilidade compartilhada é um aspecto ressaltado em diversas pesquisas. O combate à desinformação depende da colaboração de profissionais da saúde, educadores, comunicadores, gestores públicos, jornalistas e da sociedade em geral. A integração dessas áreas é fundamental para estabelecer uma cultura que valorize a informação científica e promova a prevenção da dengue. O não pronunciamento frente à desinformação, conforme destacam alguns autores, é tão nocivo quanto a propagação intencional das inverdades (Alves *et al.*, 2022).

No cenário brasileiro, onde a dengue é uma realidade constante, os efeitos das notícias falsas são especialmente sérios. Essas informações enganosas ajudam a propagar surtos, elevam os gastos do sistema de saúde pública e colocam a vida das pessoas em perigo. Assim, a



desinformação precisa ser encarada como uma questão de saúde pública, necessitando de diagnósticos, estratégias e intervenções adequadas. A colaboração entre diferentes setores e a utilização eficaz das tecnologias da informação emergem como soluções promissora (Pinto; Magalhães).

A partir dos estudos examinados, é claro que a luta contra a desinformação relacionada à dengue deve ser contínua, envolver diversas áreas e ser ajustada às realidades locais. É fundamental aprimorar as políticas de comunicação em saúde, incentivar a alfabetização midiática e digital entre os cidadãos e estabelecer canais que permitam a escuta e a participação da comunidade. Somente por meio de ações integradas e duradouras será viável mitigar os efeitos prejudiciais das notícias falsas sobre a saúde pública e salvaguardar a população dos impactos dessa ameaça que, embora invisível, é concreta

CONCLUSÃO

A análise narrativa da literatura revela que a desinformação e as fake news relacionadas à dengue constituem um crescente obstáculo para a saúde pública, sobretudo em um contexto onde as redes sociais são amplamente utilizadas e o acesso a informações não verificadas se dá de forma fácil. A disseminação de informações enganosas prejudica a compreensão da população sobre a doença, dificultando a adesão a medidas preventivas e influenciando diretamente a busca por atendimento adequado, o que pode acarretar na piora dos quadros clínicos e no aumento da morbidade e mortalidade.

Verificou-se que os principais conteúdos enganadores giram em torno de boatos sobre curas milagrosas, remédios caseiros, desconfiança em relação às campanhas oficiais e teorias conspiratórias, que comprometem a confiança da população nos profissionais de saúde e nas autoridades sanitárias. Essa situação é intensificada por questões como a desigualdade social, a baixa escolaridade de parte da população e a falta de políticas efetivas de educação em saúde, os quais facilitam a aceitação e a propagação desses dados falsos.

Apesar da gravidade da situação, a literatura também sugere possibilidades para lidar com esse problema. Iniciativas como campanhas educativas, aprimoramento da comunicação institucional, ação mais responsável das plataformas digitais e incentivo à alfabetização midiática são essenciais para mitigar os efeitos prejudiciais da desinformação. Além disso, a colaboração de diversas esferas da sociedade – incluindo saúde, educação, mídia, tecnologia e comunidade – é crucial para estabelecer uma rede de proteção contra as fake news.



Diante disso, conclui-se que o combate à desinformação deve ser incorporado nas políticas de enfrentamento da dengue e na promoção da saúde. É fundamental entender que a informação confiável e acessível pode salvar vidas, enquanto a desinformação pode ocasionar altos custos em sofrimento humano, sobrecarga do sistema de saúde e retrocessos no controle de doenças que poderiam ser evitadas. Fomentar uma cultura de informação fundamentada na ciência é um compromisso coletivo que deve ser fortalecido de maneira urgente.

REFERÊNCIAS

ALVES, João Armando *et al.* Percepção da comunidade sobre suas ações preventivas contra dengue, zika e chikungunya nas cinco regiões do Brasil. **Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 38, n. 12, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312022320312>. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312022320312>.

ALVES, Marco Antônio Sousa; MACIEL, Emanuella Ribeiro Halfeld. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet & Sociedade, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais**, jan. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/44432>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Brasil registra queda de quase 70% nos casos de dengue nos 2 primeiros meses de 2025. Agência Gov, 25 mar. 2025. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202503/brasil-registra-queda-de-quase-70-nos-casos-de-dengue-nos-2-primeiros-meses-de-2025-1>.

COUTO, Luiz Filipe Silva Codorino; JARDIM, Keven Henrique Cassaro; MACHADO, Carla Jorge. Dengue na mídia: tudo aquilo que você não vê. **Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro**, v. 24, n. 8, p. ago. 2019. Resenha do livro de VILELA, Edlaine Faria de Moura. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.34242018>.

CORDEIRO, Igor Cerqueira. Jornalismo profissional: instrumento de combate à desinformação na era da comunicação digital. **Revista Brasileira de Iniciação Científica**, v. 11, n. 2, 07 set. 2022. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/iniciacom/article/view/4339>.

CONCON, Laura Fioroni. Entrave ao combate da pandemia: a responsabilidade social diante a disseminação de fake news por influenciadores digitais e o seu impacto sobre a opinião pública. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS DE COIMBRA, 7., 2022, **Coimbra. Anais eletrônicos... Coimbra: Universidade Presbiteriana Mackenzie**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.29327/1163602.7-475>.

CUNHA, Lorena Ribeiro. Educação e saúde: entendendo a dengue através da elaboração de podcasts como material (in)formativo. 2023. 102 f. **Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia**,



2023. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/36889>. DOI: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2023.7006>.

CUNHA, Wéltima Teixeira. Fake news: as consequências negativas para a saúde da população. **Revista Interdisciplinar**, Salvador, v. 44, n. 1, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2020.v44.n1.a3199>. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/interdisciplinar/article/view/3199>.

GAGNON-DUFRESNE, Marie-Catherine *et al.* Social media and the influence of fake news on global health interventions: implications for a study on dengue in Brazil. **International Journal of Environmental Research and Public Health, Basel**, v. 20, n. 7, p. 5299, 28 mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph20075299>.

LOUREIRO, Amanda Beatriz; ALMEIDA, José Adolfo Mota de; SOUZA, Alex Sandro Barros de. Levantamento de dados sobre a epidemia de dengue na cidade de Alto Paraíso, Paraná, Brasil: uma questão de saúde pública. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research, Curitiba**, v. 4, n. 3, p. 4052–4069, jul./set. 2021. DOI: 10.34188/bjaerv4n3-097.

MILANI, Lucia Regina Nogas; BUSATO, Ivana Maria Saes. Causas e consequências da redução da cobertura vacinal no Brasil. **Revista Interfaces da Saúde, Curitiba**, v. 4, n. 2, p. 157–170, 2021. DOI: <https://doi.org/10.32811/25954482-2021v4n2p157>. Disponível em: <https://revistas.uninter.com/revistainterfaces/article/view/157>.

MOREIRA, Ana Victória Martins de Carvalho *et al.* Vacinas contra a Dengue no contexto brasileiro. **Brazilian Journal of Health Review, Curitiba**, v. 7, n. 3, 2024. DOI: Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/288>.

MENEZES, Rafael da Silva; STARLING, Maria da Graça Giulietta Cardoso de Carvalho; DORINHO, Túlio de Oliveira. O impacto da desinformação (fake news) em relação às comunidades do interior do Amazonas. **Revista Saberes da Amazônia, Manaus**, v. 9, n. 15, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.31517/rsa.v9i15.98>.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde. OPAS destaca aumento de casos de dengue, oropouche e gripe aviária nas Américas em 2024. Organização Pan-Americana da Saúde, 10 dez. 2024. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/10-12-2024-opas-destaca-aumento-casos-dengue-oropouche-e-gripe-aviaria-nas-americas-e>.

PINTO, Pâmela; MAGALHÃES, Eleonora de. O enfrentamento à desinformação sobre saúde pública no Brasil: registros entre 2020 e 2022. **Ecós – Revista de Ciências Sociais e Humanas**, [S.l.], v. 26, n. 01, 2023. DOI: <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28051>. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i01.28051>.

SALATINO, Aline Gizélia sacar Covid-19: como a disseminação de fake news pode influenciar a população durante a pandemia. **Revista Salusvita, São Paulo**, v. 39, n. 3, p. 611–626, 2020. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1378172>.



SILVA, Leandro Sebastian Pereira da; AMÉRICO, Marcos. Políticas públicas de combate às fake news aplicadas no Brasil. **Boletim de Conjuntura (BOCA), Boa Vista**, v. 19, n. 55, jul. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.13346060>.

SACRAMENTO, Igor; PAIVA, Raquel. Fake news, WhatsApp e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **Revista Galáxia, São Paulo**, v. 14, n. 1, p. 79-106, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v14i1p79-106>.

SANTI, Vilso Junior Chierentin; ARAÚJO, Bryan Chrystian. Comunicação e saúde: a experiência do Amazoom nas ações de combate à desinformação sobre arborvíroses em Roraima. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde – Reciiis, Rio de Janeiro**, v. 16, n. 2, e3250, 2022. DOI: <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i2.3250>. Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v16i2.3250>.

VERGNA, Amanda Menezes; SILVA, Saulo Cardoso Malbar da; AMORIM, Fábio Luiz Alves de. Fake news e a sociedade contemporânea: os avanços das notícias falsas e os impactos na área da saúde. **Destarte, Vitória**, v. 11, n. 2, p. 131–146, dez. 2022. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/destarte>.

VAL, Ronaldo Borges do; VIANA, Thamirys Dias; GOUVEIA, Luis Borges. O uso de Blockchain na identificação de Fake News: ferramentas de apoio tecnológico para o combate à desinformação. **Brazilian Journal of Development, São José dos Pinhais, PR**, v. 3, n. 3, 2021. DOI: <https://doi.org/10.34140/bjbv3n3-050>. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJD/article/view/XXXX>.